

Arnold Busch (D)
Halina Gola (PL)
Zdenka Hušková (CZ)
Ramona Kessler (CH)
Grażyna Kulej-Zwiernik (PL)
Maria Maier (D)
João Monteiro (P)
Hans-Peter Müller (D)
Eberhard Peters (D)
Alexander Rolof (LV)
Susana Ribeiro (P)
Christa-Luise Riedel (D)
Dagmar Stade-Schmidt (D)
Ulrike Thiele (D)



Cidade Espaço Arte

O distrito de Görlitz organizou em Maio de 2012 em conjunto com a Europahaus Görlitz e. V. um PleinAir (pintura ao ar livre) internacional com o objetivo de apresentar a região de Oberlausitz-Niederschlesien a artistas provenientes de diferentes países europeus. Sob o tema “STADT-RAUM-KUNST” (“CIDADE-ESPAÇO-ARTE”), o PleinAir aborda sobretudo o singular património imobiliário dos edifícios históricos da cidade de Görlitz.

Na perspetiva científico-cultural, a cidade oferece por excelência o cenário ideal para uma agregação do espaço cultural, e o grande concelho de Görlitz não é exceção: Apogeu económicos bem como a consciência e a riqueza dos cidadãos refletem-se na arquitetura. Em Görlitz há aproximadamente 4000 monumentos, entre eles edifícios dos períodos Gótico tardio, da Renascença, do Barroco, da Arte Nova, bem como do final do século XIX durante a era da industrialização e ainda testemunhos da época do socialismo. A cidade candidatou-se ao título de “Património mundial” da UNESCO:

Durante o PleinAir os artistas da Alemanha, Letónia, Polónia, Portugal, Suíça e República Checa tiveram a oportunidade de recolher estímulos para o seu trabalho artístico, cujos resultados estarão patentes no âmbito de uma exposição itinerante

a partir de 02.11.2012 no Museu de Arte “Kaisertrutz” em Görlitz. O edifício histórico, totalmente restaurado especificamente para a 3ª Exposição da Saxónia “via regia”, constitui um digno ponto de partida para outras estações. A exposição será exibida nas regiões e países de origem dos artistas no sentido de fomentar o contacto e o intercâmbio entre diversas regiões europeias.

Agradeço a todos os artistas que participaram no PleinAir e que agora disponibilizam as suas obras para uma exposição coletiva. Os meus agradecimentos estendem-se também a todos aqueles que tornaram possível a concretização deste projeto artístico, nomeadamente à Curadora Sra. Ramona Faltin, ao Diretor e aos colaboradores da Secretaria de Estado da Cultura do concelho de Görlitz, aos meus colegas de ofício das regiões parceiras que participaram nesta iniciativa e, por último, aos patrocinadores, cuja ajuda financeira foi essencial para que este projeto se pudesse concretizar.

Desejo que a exposição atraia visitantes interessantes e proporcione conversas estimulantes com os artistas sobre as suas obras e à exposição itinerante uma boa viagem pela Europa.

Bernd Lange

Administrador Distrital do Concelho de Görlitz

Se nos deixarmos inspirar pelas obras do PleinAir “STADT-RAUM-KUNST” (“CIDADE-ESPAÇO-ARTE”), distanciamos-nos intuitivamente do conceito de pintura ao ar livre e pressentimos que este encontro de trabalho entre artistas se concentra mais numa experiência do espaço arquitetónico, histórico, social e mental das paisagens.

No início surgiram perguntas tais como: Será que arquitetura impressionante irá desconcertar o espaço visionário do artista, podendo assim constituir um obstáculo? Será que os artistas querem e conseguem fugir ao fascínio da arquitetura arrebatadora que domina tudo, sem por isso abandonarem o tema? Se por um lado o tema CIDADE-ESPAÇO-ARTE permite uma grande margem de manobra, por outro pretende-se uma exposição temática coerente. Há critérios superiores abstratos que, não sendo arquitetura, representam na mesma a essência da cidade? Sim! Görlitz deve a sua ascensão e consequentemente em termos financeiros também a edificação do seu património imobiliário à TUCHmacherzunft (PANO - fábrica têxtil) por um lado e à planta tintureira BLAU (azul), que simboliza o monopólio da tinturaria do século XV e XVI.

Assim os símbolos quase quotidianos das palavras TUCH + BLAU (PANO + AZUL) transformaram-se no âmbito do PleinAir numa fórmula simples, no material e na cor de referência para a criação artística in loco e desta forma também como fio condutor temático da exposição global. Foram criadas obras com referências específicas ao local e ao espaço, fenómenos de percepção, em que a história e o presente, a ficção e a realidade se diluem.

As observações aqui feitas em relação às obras dos artistas apenas pretendem dar uma pequena pista daquilo que o filósofo Reinhard Knodt descreve como “o terceiro inspirador” não comunicável. A arte não pode ser “comunicada” realmente, pois ela é o fator maior em relação à comunicação. A comunicação só pode sempre representar uma perspetiva diminuta do fenómeno da arte. Existe algo que é um “terceiro inspirador” que ultrapassa a comunicação entre o artista e o observador. E esse algo só pode ser sentido e vivido.

1) Reinhard Knodt: *Kommunikation und Kunst (Comunicação e Arte)*. Versão de 10 de dezembro de 2006.

A base é uma conferência por ocasião da cerimónia de abertura da exposição „Funkhaus – Die Zeit der Kommunikation“ (Estúdio de radiodifusão – a era da comunicação). *Projekt für Kunst und Soziokultur (Projeto de Arte e Cultura Social)*, Dresden, de 16 de junho de 2000.

Arnold Busch

ESTA cidade escolheu-me, diz Arnold Busch, que vive desde 2011 em Görlitz, a cidade da sua escolha. Na série em 15 partes “História e Tecido” ele desenha em estilo de associações as características da cidade que mais o tocam e que, viajando pela sua cabeça, coração e mão, ele passa para a tela. Os chifres a enfeitar as cabeças representam não apenas os elementos de estilo decorativos da cidade, mas também para além disso uma notoriedade especial. Em traços executados de forma quase mediática ele cria planos de fundo similares à textura do tecido, numa referência clara à indústria têxtil de Görlitz.

Halina Gola

faz referência nas suas arrebatadas fotografias ao testemunho urbano da porta e do portão. A sua observação, reconhecimento e avaliação, em suma, o seu olhar fotográfico descobre o esplendor empalidecido sob um verniz estalado. Desta dicotomia surge um impressionante espetáculo de cores, que a artista fotografa intencionalmente num plano oblíquo, conferindo assim a sua interpretação. Ela procede de forma diferente na sua transposição da realidade colorida para motivos gráficos a preto e branco, em que os vários tons de cinzento criam e intensificam uma estética da imagem abstraída e abstrata. As duas técnicas resultam na sua mensagem global num meio de expressão próprio, com o qual Halina Gola ilustra as diversas camadas processuais que ela observou em Görlitz.

Zdenka Hušková

inspirou-se nas inúmeras formas decorativas que encontrou na tinturaria e nos pavilhões do centro histórico de Görlitz. Ela descobriu nos seus exteriores e interiores detalhes concretos, nomeadamente nos motivos de plantas, que ela começa por reter em numerosos desenhos. Ela trabalha as formas escolhidas artisticamente até surgir uma imagem de aparência alterada. Ela designa os gráficos estruturais resultantes deste processo apropriadamente de “Formas decorativas em movimento”, interpretando de uma forma quase palpável o tema “Cidade-Espaço-Arte”. Os gráficos revelam movimentos empolgantes e profundos, que parecem perfurar o espaço de forma decidida e vigorosa.

Ramona Kessler

vê na cidade de Görlitz um todo fechado em si mesmo, multifacetado e complexo. Ela aceitou o desafio de sentir e representar essa plenitude, multiplicidade e complexidade nas suas obras. Seres interligados, por vezes deveras estranhos, confrontam-se uns com os outros de uma forma mais ou menos interativa, chegando por vezes mesmo a estar entrelaçados – ou unidos num todo. Ramona Kessler exige do observador alguma flexibilidade. Conforme o ângulo de observação, o teor do quadro também varia. Com isto a artista pretende referir-se à transformação da cidade de Görlitz, cuja percepção também depende do ângulo em que o observador a vê.

Stanisława Grażyna Kulaj-Zwiernik

Na sua obra “Via Regia” a artista faz confluir cruzamentos, ruas, praças, arquitetura e pessoas num organismo vivo. Com a representação da Königsstraße, que sai para fora do caixilho, ela sublinha a sua dimensão e significado no passado e no presente. Na sua obra “Água”, ela aborda o exterior e o interior da cidade: A sua percepção e representação dos muros, na iminência de caírem, é designativa em relação à sua observação das pessoas que gostam de olhar para trás e que procuram a beleza do passado, da mesma forma como na sua vida quotidiana procuram matar a sede.

Maria Maier

concentra-se no conceito de “processos aditivos da história da construção”² no período gótico, da Renascença, da Arte Nova e do final do século XIX durante a era da industrialização, que de certa forma corresponde à sua criação artística: Ela “soma” fotografia e pintura. Também o faz na sua série em 6 partes “G aditivo”, na qual elementos fotográficos se unem a elementos de pintura. Ambos os elementos refletem-se no linear. A artista fotografa motivos discretos, tais como fachadas em ruínas, estaleiros, telhados, janelas ou escadas e combina-os com uma pintura por vezes de grandes planos e impetuosa e por vezes sensível. Deste modo ela gera de forma artística a sensação de densidade, um sensação que a cidade lhe proporcionou

2) O conceito é proveniente de uma conferência do investigador de construção e arquiteto Frank-Ernst Nietzsche sobre o tema “Património mundial Görlitz” realizada a 3 de Maio de 2012 na tinturaria de Görlitz

João Monteiro

torna visível na sua pintura a energia universal que confere equilíbrio no interior das pessoas. As suas obras são compostas por texturas sobrepostas com salpicos de tinta acrílica, que parecem afluir esfericamente para o interior do homem. Uma corrente intensamente azul penetra no centro da figura humana, parecendo depois cingí-la. Neste processo surgem novas sobreposições, novo azul, nova energia que se sobrepõem às camadas anteriores. O anonimato da figura implica um conteúdo universalmente válido, uma lei, algo perpétuo, que regressa constantemente ao ponto de partida. A textura no interior transporta partes essenciais daquilo que foi primeiro, uma espécie de peça central ou coração.

Hans-Peter Müller

trabalha na sua instalação “Questão central” intuitivamente reliquias políticas do passado socialista. Livros com escritos de Otto Grothewohl, dos quais pendem marcadores de livros vermelhos, são mantidos fechados por meio de pinças de parafuso, porque uma cunha os afasta. Entre duas placas transparentes as palavras QUESTÕES CENTRAIS COMPREENSÍVEL UNI DADE & LUTA tentam coordenar-se. No objeto portátil (com o qual se pode andar às voltas) “Palavras de mala” as palavras fundem-se em BLAUSITZ (assento azul) ou RUHRTIBET. E por fim o artista vende em Görlitz e noutros lados “Placas comemorativas/de pensamentos”. Quão longínquo está para nós o gesto vanguardista que via precisamente na rutura, na cesura um solo fértil para a inovação? – O Artista gosta de controvérsias.

Eberhard Peters

À sua série em três partes o artista deu o título “Água e Floresta”, De forma impetuosa, rápida e imparável misturam-se aqui áreas e correntes azuis, brancas e violeta sobre um fundo preto. A sua pintura de estilo livre fala com uma intensidade quase mágica de movimentos rotativos, quedas de água majestosas e fusões não tangíveis. O violeta une-se ao índigo, transpondo a zona do ultravioleta que o Homem já não consegue apreender. Por isso os seus quadros têm uma atmosfera misteriosa e mística. Com este espectro de cores o artista reflete a cidade de Görlitz na sua imponente individualidade bem como no seu carisma charmoso, sedutor, quase melancólico.

Alexander Roloff

trabalha nas suas obras a sua reflexão sobre prosperidade e transformação da evolução da cidade de Görlitz. A sua pintura formula um casulo de caracol em duas cores, que também poderia ser uma cornucópia vazia. Uma corda azul trespassa simbolicamente esta afirmação, enquanto, através de cola de estrutura, se tornam visíveis vestígios do tempo e fraturas. Também no seu objeto intitulado de “Diagrama”, em plexiglas o artista aborda a história da cidade de Görlitz, repleta de acontecimentos. São visíveis a fragilidade e a instabilidade – o azul têxtil paira numa recipiente vazio, parecendo querer encontrar uma direção.

Susana Ribeiro

Para Susana Ribeiro o tema “Cidade-Espaço-Cultura” também abarca caminhos. Nas suas obras “O caminho 1” e “O caminho 2” ela observa o Homem no seu caminho pessoal, na sua evolução. Um ponto de convergência cintilante conta-nos de tempos dourados. Na sua pintura a cor é uma metáfora para uma decisão individual, que também influencia o ambiente envolvente. Através da sua decisão artística de escolher tanto áreas de cores fortes e claras, como também linhas suaves, em parte em fio, e elementos decorativos individuais, ela reclama a presença e a atenção das pessoas para si própria, para a natureza e para o cosmos. A composição das cores e a sua intensidade pedem ao observador que olhe em cada momento conscientemente para o presente e que nele permaneça.

Christa-Luise Riedel

traduz o tema “Cidade-Espaço-Cultura” na sua série composta por cinco partes “Vitrum” com a representação de elementos essenciais da cidade. Ela ilustra as suas observações concretas em construções cénicas, das quais pelo menos três estão manifestamente interligadas. De uma forma fortemente reduzida em termos de forma e cor, no entanto evidente, são retratados o telhado e as torres da Igreja de St. Peter e Paul, elementos da fachada da tinturaria e a ponte do centro histórico de forma artística. O alinhamento de uma metáfora geométrica de proveniência real cria um espaço tridimensional. Além disso o Jakobsweg, simbolicamente afluído, com os seus pontos coloridos de início e fim aparentemente situados ao longe, dá a impressão de agarrar o tempo. A instalação “VIAE” também aparece representada de uma forma simbolicamente reduzida. Aqui a artista remete para as conexões comerciais da cidade de Görlitz, utilizando blocos de materiais tanto porosos, como polidos.

Dagmar Stade-Schmidt

aborda na sua pintura “Estruturas do centro histórico” perspectivas de janelas e da ponte do centro histórico da cidade. Camadas de tinta aplicadas grosseiramente dão a impressão de camadas de tempo sobrepostas e fraturadas, das quais emerge o fascínio pela construção de pontes.

De forma simbólica e com uma decisão muito coerente de utilizar uma forma muito reduzida, a artista tematiza a cruzada da planta tintureira azul na sua obra “Regiões tintureiras”. Com estruturas de aparência áspera formam-se traços grossos, que conferem ao conteúdo do quadro uma intensidade especial e um peso tangível.

Ulrike Thiele

sente a vivacidade da cidade na sua infraestrutura multicultural. Em mais de 400 fotografias, ela estudou caminhos, ruas, cruzamentos, carris, por vezes também fragmentos arquitetónicos nas suas diferentes formas e materiais. Ir e vir exigem caminhos reais e virtuais que permitem sempre novos planos de encontro. É esta abordagem que ela apresenta artisticamente nas suas fotografias com técnicas pictóricas, criando uma espécie de kit de construção, uma segunda fase de “arquitetura”. Com o seu conceito artístico, a sua homenagem a Görlitz, Ulrike Thiel manifesta um espírito de infinitas possibilidades. Simultaneamente ela lembra que todas as ideias têm uma história e que o conhecimento dessa história também pertence sempre ao entendimento da ideia subjacente.

Conhecer os elementos de uma cultura é útil, mas na realidade trata-se de desenvolver uma voz própria no sentido de uma tomada de posição interior. A perceção pelos sentidos, a vivência intensa e entusiástica, produz um comportamento atencioso. E a educação e a posse de comportamentos. É assim que os artistas nos fazem passar por um processo de formação no âmbito da observação das suas obras. Na sua diversidade, as obras resultantes do PleinAir “STADT-RAUM-KUNST” (“CIDADE-ESPAÇO-ARTE”), são um testemunho promissor de possibilidades quase inesgotáveis de descobrir e vivenciar o património cultural e histórico da cidade de Görlitz. Formar-se significa acordar no “terceiro inspirador” já inicialmente citado. Por nos proporcionarem esta experiência, todos os artistas merecem os nossos mais calorosos agradecimentos.

Ramona Faltin, Curador